

ENTRE AS TRADIÇÕES E O RESSIGNIFICAR: A ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE EM BUSCA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA¹

Thomaz Heverton dos Santos Pereira²

RESUMO

O texto percorre os caminhos da Literatura Africana de Língua Portuguesa Contemporânea, por meio do caminho do Erotismo, selecionando a escritora moçambicana Paulina Chiziane. Propõe-se verificar os vestígios eróticos nas obras de romance em destaque: *Niketche: uma história de poligamia* (2001) e de que maneira se constrói esse Erotismo africano na narrativa em questão. Diante disso, o caminho metodológico é o de natureza básica, com abordagem qualitativa, cujos objetivos são da ordem descritiva e o procedimento é bibliográfico.

Palavras-chave: Erotismo na literatura. Literatura moçambicana. *Niketche: uma história de poligamia* - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

The text goes through the paths of African Literature of Contemporary Portuguese Language, through the path of Eroticism, selecting the Mozambican writer Paulina Chiziane. It is proposed to verify the erotic traces in the works of novel highlighted: *Niketche: uma história de poligamia* (2001) and how this African eroticism is constructed in the narrative in question. Therefore, the methodological path is basic in nature, with a qualitative approach, whose objectives are descriptive and the procedure is bibliographic.

Keywords: Eroticism in Literature. Mozambican literature. *Niketche: a history of polygamy* - Critique and interpretation.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Eliane Gonçalves da Costa.

² Graduado em Letras com Inglês pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Discente do curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Os caminhos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa Contemporânea, sob tema do Erotismo, serão observados a partir da autoria da moçambicana Paulina Chiziane. Frente às obras para leitura e análise, indaga-se: como o Erotismo se apresenta na escrita de autoria feminina africana enquanto constituição literária em Paulina Chiziane?

Pelo viés do Erotismo, esta pesquisa se propõe à investigação dos vestígios³ eróticos nas narrativas da escritora Paulina Chiziane. Diante disso, a presente proposta tende a descrever o Erotismo na narrativa literária africana, tornando relevante aos estudos acadêmicos, por se tratar de uma escritora mulher, que rompe os paradigmas sociais, envolvendo as temáticas do “proibido”; além disso, o trabalho tornará público e acessível uma obra pouco aprofundada no espaço literário brasileiro, ao ampliar as possibilidades de presença desta escritora e de Literatura Africana de Língua Portuguesa, que começam a recompor os livros didáticos do ensino básico público em respeito à Lei 10.639/2003.

Diante disso, a presente pesquisa debruça-se no ponto de vista feminino de Paulina Chiziane. Nota-se, com isso, como a mulher, sob a personagem Rami, narra os vestígios do erótico e como imgeticamente constrói a performance dos textos em destaque. Para observar isto, metodologicamente, pretende-se a abordagem qualitativa com procedimento bibliográfico.

2 SEDUÇÃO E FEMININIDADE: LITERATURA, ROMANCE E EROTISMO

A vida e obra da escritora Paulina Chiziane apresenta uma íntima relação com a história de sua localidade, no caso, Moçambique. Após consulta nos trabalhos da pesquisadora Eliane Gonçalves, é importante salientar os seguintes aspectos: a) Moçambique constitui-se como uma heterogeneidade de culturas e, para alcançar a Independência, foi-lhe necessário constituir frentes de luta contra os imperialismos, a exemplo da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique).

³ Denomino vestígios por tatear nas narrativas em estudo, pressupondo que a centralidade temática do romance de Paulina não se volta para a ideia do Erotismo em si.

O discurso do colonizador, o de civilidade, intensificou a força armamentista e desarticuladora das metrópoles europeias sobre as atividades socioculturais, econômicas e políticas dos territórios africanos. A professora Gonçalves (2007) *apud* Mafalda Leite (2006) relata a hibridez portuguesa de colonizado e colonizador, o progresso de Portugal na Europa e a questão racial. As paisagens e os espaços geográficos em Moçambique contrastam com a história deste território dominado por muitos anos tanto por árabes quanto por portugueses, cuja supremacia iniciou com a chegada de Vasco da Gama, dando continuidade com a expansão pós-Conferência de Berlim, e mais adiante o salazarismo. Em meio a tais perspectivas, a escritora Paulina Chiziane emerge com a literatura para realinhar a história em seus territórios, espaços, paisagens, lutas, indignações, superando os paradigmas da sociedade machista/patriarcal. No intuito de conhecer um pouco mais do pensamento da escritora, especialmente, no que diz respeito ao Erotismo, selecionou-se o livro *Niketché: uma história de poligamia* (2001).

2.1 PAULINA CHIZIANE

Nascida em 04 de junho de 1955, em Manjacaze, zona rural de Moçambique, aos seis anos muda para Maputo com os pais protestantes. Vinte anos após, Moçambique torna-se independente, após a guerra entre guerrilheiros e soldados portugueses. O pai de Paulina exerceu grande influência ao ensinar-lhe o dialeto chope e posicionar-se contra o colonialismo. Inicia seus estudos em Maputo, numa escola católica, aprende português e ronga. Quando jovem, atua na FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e como voluntária na Cruz Vermelha durante o conflito, participando do Núcleo de Associações Femininas da Zambézia (NAFEZA), em 1997, localizada na cidade de Quelimane. Durante este período, publica o primeiro romance, *Balada de amor ao vento* em 1990, entretanto, atinge sucesso em 2002, com a publicação do livro *Niketché: uma história de poligamia*, recebendo o Prêmio José Craveirinha, da Associação dos Escritores Moçambicanos e, nos dias atuais, o Prêmio Camões de Literatura. Além destas obras, podemos destacar: *Ventos do Apocalipse*, *O Sétimo Juramento*, *O Alegre Canto da Perdiz*, *O Canto dos Escravizados*, *As Andorinhas*, *Eu, mulher por uma nova visão do mundo*, *Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento*.

2.3 VESTÍGIOS DA LITERATURA ERÓTICA NO ROMANCE DE PAULINA

2.3.1 Erotismo

O mundo do Erotismo perpassa pelo mitológico e racional. O mito é fruto de uma construção popular, presente no imaginário coletivo humano. Sabe-se que a palavra Eros significa “desejar ardentemente” ou “desejo incoercível dos sentidos”. Essa força nutre a potência e a fecundidade, a celebração dionisíaca, enquanto instaura os ares da transgressão e do pecado, da perversão e sedução. Nessa condição, Araujo afirma:

o ser erótico é, portanto, um ser ambíguo [...]. Daí, impor-se a ele a frequência de Tânetos, ou seja, a direta incidência do limite, do interdito, e mesmo da morte [...]. Eros rege a nossa existência, mobilizando as nossas energias para o discurso temporal e memorial, na pleora de nossas mais caras expressões emocionais (ARAUJO, 2005, p. 43).

O desejo impulsiona o homem e conduz o corpo para a satisfação e o encontro com a inteireza do ser, reorganizando sua existência, outrora fracionada. No universo literário traduz-se por meio da mecânica do *secretum*, como também do princípio do violar. Viver o erotismo é concatenar dois espaços: o sagrado e o profano. O primeiro volta-se ao tempo da eternidade e o outro ao da vida. Quem vive no mundo erótico, pretende experimentar as sensações despertadas pelo corpo e, dessa maneira, aproveita a vida diariamente, somada à busca de si, do preenchimento da própria alma.

EPIGRAMA
 Amar, foder: uma união
 De prazeres que não separo.
 A volúpia e os desejos que são
 O que a alma possui de mais raro.
 Caralho, cona e corações
 Juntam-se em doces efusões
 Que os crentes censuram, os loucos.
 Refletem nisto, oh minha amada:
 Amar sem foder é bem pouco,
 Foder sem amar não é nada. (ARAUJO, 2005, p. 46)

As relações vocabulares, no *Epigrama* supra, as palavras amor e sexo, redirecionam o pensamento para completude humana, cujo ser reitera a presença da sacralidade, endeusamento a que remete o indivíduo em reciprocidade ao outro, além

de provocar, doutra sorte, a brutalidade que se corporifica pela invasão e choque entre os membros sexuais e físicos. Não se pode reduzir moralmente o Erotismo, muito menos canoniza-lo como apenas uma fonte de prazer, mas também é necessário “compreender as diferenças e salientar o descortínio intelectual e o equilíbrio da razão para alcançar a isenção exegética requerida para o capítulo das liberdades humanas” (ARAUJO, 2005, p. 71).

Na cultura grega, o Amor assume denotações diversificadas. Primeiro está o *Ágape*. Revela-se como incondicional, altruísta, espiritual. Associa-se aqui como sendo o amor materno em cujo ato manifesta-se o cuidado, indiscriminado ao seu “objeto”. Em diversos momentos historiográficos dos israelitas, houve a epifania do divino, a saber, no Egito e no cativo na Babilônia. Estes foram dois momentos de angústia e pesares na vida dos hebreus, mas que sobrevieram as palavras de consolação e libertação por meio de lavé.

Em seguida, o Amor *Filos*. Conforme Foucault (2007, p. 178), tal amor é “semelhança do caráter e da forma de vida, o compartilhar dos pensamentos e da existência, a benevolência mútua”. Este se aproxima da união amigável. Ser amigo representa acima de tudo lealdade ao outro. A alteridade caracteriza uma questão identitária, pois geralmente dá-se o que se quer. Há, por conseguinte, uma troca de sentimentos, vivências, conhecimento etc. Nessa relação a simbiose acontece. Para Aristóteles, trata-se de uma disposição de caráter, pelo menos, de três maneiras: por interesse; por prazer; e por admiração. A primeira maneira diz respeito ao relacionamento frágil, interesseiro e mesquinho; a segunda maneira faz menção a certo elemento em comum entre os amigos e que seja agradável aos envolvidos; e a última refere-se ao sentimento de contemplar, apreciar as qualidades doutro, considerando as diferenças individuais existentes.

O terceiro tipo de Amor é o erótico. Baseado numa ideia de incompletude, ser humano procura envolver-se fisicamente para a plena realização. Ao se falar em Erotismo é necessário conhecer um pouco da mitologia grega. Aristófanes, em “O Banquete” de Platão, informa que Andrógino, a criação dos deuses possuía os sexos masculino e feminino, mas por causa de uma rebeldia se encontrou dividido. Representa a conjunção passional entre os seres. Ou como diz Durigan, o erotismo:

resultaria de um conjunto de relações ligadas ao princípio do prazer ou decorrentes do princípio da realidade, de cujo inter-relacionamento se

configurariam os lugares dos sujeitos. Esses lugares marcados pela falta, pela necessidade, corresponderiam aos espaços dos sujeitos mediatizados e orientados para a consecução do prazer, a supressão da necessidade (...).(DURIGAN, 1985, p. 51).

Para Bataille (1987), o prazer se faz na transgressão, saída do lugar abençoado e bendito para o ambiente maldito; o prazer, que é uma intenção emotiva, é uma experiência que se manifesta na descontinuidade, na transgressão. Isso concebe a ideia de aproximação à morte (Tânatos) porque se realiza uma quebra, uma ruptura do curso natural dos acontecimentos e instauram-se novas perspectivas.

Segundo este escritor há dois movimentos opostos: “a busca de continuidade dos seres humanos, a tentativa de permanência além de um momento fugaz, versus o caráter mortal dos indivíduos, sua impossibilidade de superar a morte” (BRANCO, 1984, p. 10). Existe uma diferença entre os conceitos de Erotismo e Pornografia. Conforme Branco (1984) o segundo termo está associado à questão mercantilista. Trata-se de um comércio com os escritos da sexualidade exagerada. O primeiro é mais sutil e discreto e não tem como fim a função financeira. A questão erótica reflete a Unidade/ Totalidade e a Parcialidade. O encontro com o outro é uma resposta da reiteração entre o masculino e o feminino ora distanciados pelo ser Supremo. Esse contato representa a ruptura, transgressão, e união amorosa entre os seres. Nisso há um interregno *eu-tu-eu* que constitui a integridade do sujeito. No outro eu me reconheço enquanto ser, um sujeito no mundo. Na ideia de ausência, a transgressão, há um anseio pela completude e uma busca incansável para realizar isso. O sentido de ausência é assim descrito por Barthes:

historicamente, o discurso da ausência é sustentado pela Mulher: a Mulher é sedentária, o Homem é caçador, viajante; a Mulher é fiel (ela espera), o homem é conquistador (navega e aborda). É a mulher que dá forma à ausência: ela tece e ela canta; as Tecelãs, as “chansons de toile”, dizem ao tempo a imobilidade (pelo ronrom do tear) e a ausência (ao longe, ritmos de viagem, vagas marinhas, cavalgadas). De onde resulta que todo homem que fala a ausência do outro, *feminino* se declara: esse homem que espera e sofre, está milagrosamente feminizado. Um homem não é feminizado por ser invertido sexualmente, mas por estar apaixonado. (Mito e utopia: a origem pertenceu, o futuro pertencerá àqueles *que têm algo feminino*. (BARTHES, 1997, p. 53)

E esta ausência é sentida no erotismo. Existe a carência do outro e a necessidade de se buscar este com intuito de completar-se. Na literatura o erotismo

evoca o prazer do texto e sub-repticiamente envolve-nos com as nuances não-ditas, os mistérios ainda por revelar, numa reticência, num gesto ou numa palavra.

2.3.2 Escrita erótica na voz feminina

No texto, *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*, "Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo" (CHIZIANE, 2013 p. 203). Chiziane, em poucas linhas, resume a dor em dois âmbitos: aquela que lhe atinge diretamente; e, de modo mais amplo, a todas as mulheres: a ausência de liberdade imposta pela sociedade patriarcal. Para autora, a sua escrita, além de massagear o próprio ego de ser artista, embora, segundo ela, não seja o suficiente para mover a mulher, muda a perspectiva social em relação ao feminino e insere vozes femininas que se manifestam pelo desejo e se dispõem para guerrear em busca dos espaços públicos a quem têm direito. Para tanto, Chiziane afirma que sua literatura almeja implantar a semente da vontade de construir mudanças, conquistar direitos, vencer os sofrimentos e isso ainda não é o suficiente, vez que importa ver o germinar daquela planta ora semeada: a vontade de lutar constantemente pela liberdade do feminino e, conseqüentemente, das mulheres no ambiente social.

Descortinar a escrita feminina implica em avaliar o modo de vida, que se concentrava no eixo masculino, ostentando a mulher a condição de criadagem e doméstica. A mulher, isso não é novidade, foi mantida em silêncio por longo tempo e, pouco a pouco, houve algumas mudanças no ambiente social, mediante a constante luta feminina para a modificação de leis e usos e costumes, de maneira que a escrita feminina ganharia contorno, embora tímidos, alcançando proporções maiores no *mitier* social, especialmente na construção de romances de autoria feminina.

Distante da amargura, da raiva, dos protestos e reivindicações, durante o processo escrita, a mulher não permite interferências do exterior e cuja originalidade e genialidade cadencie uma técnica "de frase comum e usual que conduza o leitor com facilidade e naturalidade do começo ao fim do livro" (WOOLF, 2019, p. 110) de maneira, por fim, que haja fidelidade da mulher para com ela mesma. A mulher escritora depara-se com a convenção e pode sobrepô-la. A partir desse rompimento com os paradigmas patriarcais, a mulher desenha outras mulheres, um escapismo aos moldes do olhar do macho. Os sofrimentos, as causas de defesa pelo espaço da

mulher não era parte dos desejos das escritoras, no século XIX, ampliando espaço, conforme Woolf (2019), para explorar o próprio sexo, escrever sobre as mulheres, libertar-se da mentalidade patriarcalista.

Para Chiziane (2013), esse *modus operandi* literário feminino que encontrou dificuldades de ser legitimado no meio social foi graças à opressão à própria condição de ser mulher, além das ideias fatalistas que norteiam o pensamento conservador. Isso, no entanto, seria resolvido caso Deus fosse mulher. A escritora chama atenção para o fato de que a sociedade designa à mulher apenas o direito de ser mãe e ter filhos e não sentir desejos ou sonhos. Chiziane, contrariamente a esse argumento, compara “a mulher à terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, confortos de todos os seres humanos na superfície da terra” (2013, p. 199) e Hamilton ratifica:

Durante uma das primeiras aulas privadas, a conselheira de amor, sendo ela uma combinação de professora e feiticeira, assegura a Rami que ela sim possui femininidade. A conselheira de amor dirige-se a Rami assegurando-a que “Tu és feitiço por excelência e não deves procurar mais magia nenhuma. Corpo de mulher é magia. Força. Fraqueza. Salvação. Perdição. O universo cabe nas curvas de uma mulher” (HAMILTON, 2006, p. 321).

Chiziane, por meio de Rami, baseado no crítico, propõe a feminilidade, o contato do universo da mulher pela visão e pensamento dela mesma. É-nos apresentado diferentes temáticas, desde a monogamia à poligamia, além da organização das mulheres, as desavenças, as amizades, o sexo, os atos machistas de Tony, as culturas dos povos do Sul e do Norte moçambicanos, dentre outras nuances da diversidade humana. Talvez a narrativa de *Niketche*, por tentar condensar as variadas facetas da mulher em Rami, ora desvie o olhar da recepção para as discussões sociais, ora as torne evidentes, haja vista concentrar-se enquanto poder e autoridade discursiva proveniente de uma fonte única: a mulher.

A personagem Rami contraditoriamente registra e resgata o matriarcalismo e suas experiências de vida. A propósito disso, a Literatura “é um processo, quer dizer, uma passagem de Vida que atravessa o visível e o vivido” (DELEUZE, 1997, p. 11). Por meio da vivência e do viver, ou “escrevivência”, o construtor dos edifícios das letras interpõe os devires, eleva-se à condição da impessoalidade e compartilha incisivamente o discurso da identidade, cultura e contextos experienciais.

No que diz respeito ao Erotismo, muitos são os vestígios elencados nas obras em estudo. Inicialmente, na narrativa de Paulina Chiziane, em *Niketche: uma história de poligamia*, há o encontro de Rami, personagem central, com o “eu-feminino”. Atentando-se aos aspectos culturais do território moçambicano no período durante e pós-guerra, bem como da figura para o discurso da nacionalidade no personagem Tony, “Em matéria de amor, o Tony simboliza a unidade nacional” (CHIZIANE, 2021, p. 139) além de apresentar características dos usos e costumes daquele povo, a visão de mundo entre as mulheres do norte e do sul e suas relações com o matrimônio e os homens e a feminilidade.

Em se tratando dos aspectos do Erotismo no romance, a priori, o título é o primeiro vestígio:

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do *niketche*. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres e desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o *niketche* é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom (CHIZIANE, 2021, p. 139).

A dança é uma ligação entre a vida e a natureza. Também o sexo e a vida mantêm uma forte tensão com a dança. A dança é o símbolo do esquecimento, do desvio, da conquista, do entretenimento dos sentidos: visão, olfato, audição, tato e paladar. Por meio da dança, os sentidos são atçados e estimulados para o acasalamento, a união mítica entre homens e deuses.

Com *Niketche*, ao longo do texto, insinuações, provocações são derivadas dos corpos femininos. No afã mítico do reencontro entre os sexos macho e fêmea, a narrativa desperta para o reencontro da mulher consigo mesma, da virilidade e força do feminismo. Entre as ditas da personagem, elencam-se passos de um erotismo africano que se compõe no cotidiano, nas amarrações entre a cultura, a história e a tradição. “Ela veste um decote atrevido [...]. O que para mim é proibido, à outra é permitido. Essa contradição me ofende” (CHIZIANE, 2021, p. 21). Mais adiante, a personagem Rami reitera a necessidade de se aprender sobre os segredos dos contrastes. Eis a dualidade que permeia a ideia do erotismo: permitido/ proibido;

transgressão/ repreensão; incompletude/ completude; desejo/ satisfação, haja vista aquele pensamento estar no intervalo, no entre-lugar, na suspeição, na sutileza das coisas, na (des)continuidade.

Esta mulher tem uma áurea magnética, sinto-me atraída por ela. Ela é um monumento de triunfo sobre o amor. Deve ser daquelas que atraem o amor e matam de desejo todos os homens que dela se aproximam. E fala como quem canta. Move-se como quem dança. Respira como quem suspira, meu Deus, toda ela é amor. Sou mais bonita do que ela, mas ela tem um quê, que atraí, que eu não tenho (CHIZIANE, 2021, p. 31).

Essa construção paulatina, este *um quê*, que se encontra no romance de Paulina, marca uma arqueologia da sensualidade, uma vez que os fragmentos do movimento erótico estão espalhados ao longo de toda a narrativa. Daquela tradição africana, extrai-se o verbal, a oralidade que gerencia a literatura em sua essência erotizada. Talvez, por isso, não se notem tantas evidências materializadas na escrita, mas disseminadas como uma colcha de retalhos, até pelo fato de não se tratar a narração um texto de exposição do erotismo.

Analisemos mais alguns fragmentos:

Corpo de mulher é magia. Força. Fraqueza. Salvação. Perdição. O universo inteiro cabe nas curvas de duma mulher. [...]. Chegamos a um consenso: o sensual é também cultural” [...]. Esta mulher me excita. Ela me provoca, dá cabo do meu juízo. [...]. Ela tem muito fogo em cada veia. Emanava muita força em cada sopro. [...]. Os olhos dela são suaves como luar, deve ter muito mel naquela boca. Por que simpatizo eu com ela, porquê, porquê, porquê? [...]. O que me atrai nela? [...]. Muita coisa nela reflete a imagem daquilo que fui e já não sou. Ela tem todos os encantos que eu perdi. A simpatia eu sinto por ela vem da aparência. Esta mulher é parecida comigo (CHIZIANE, 2021, p. 38, 39 e 51).

Corpo, dança, feitiço, todos elementos da sensualidade feminina. Sobre o corpo, Shimbo (2015) fragmenta a ideia de corpo em: corpo-texto, corpo-sujeito e corpo-épico. Para a pesquisadora, a noção de corpo é o meio de dar voz às personagens. Por meio do corpo-texto aliado ao corpo-sujeito, as palavras de encontro e desencontros, de violência contra a mulher, suas angústias, suas dores, conquistas, lutas pela igualdade de direitos é representada e anunciada na veia narrativa em *Niketche*. O corpo-épico, nomenclatura apresentada por Shimbo (2015), proporciona, através da obra, a libertação da mulher e do feminino porque lhes dá voz e esta “eterniza o corpo, conferindo-lhe uma dimensão simbólica aquém dos limites físicos” (SHIMBO, 2015, p. 47), o encontro de Rami com as outras parceiras de Tony

reengendra a mulher em si, que busca o incógnito e se completa na outra, não mais e só no outro de gênero masculino. No capítulo de número 24, a escritora usa do instrumento linguístico das reticências ao remeter-se ao órgão sexual feminino:

E a linguagem da...? Se a... pudesse falar que mensagem nos diria? De certeza ela cantaria belos poemas de dor e de saudade. Cantaria cantigas de amor e de abandono. Da violência. De violação. Da castração. Da manipulação. em cada ciclo. Dir-nos-ia a história da primeira vez. No leito nupcial. Na mata. Em baixo dos cajueiros. No banco de trás do carro. No gabinete do Senhor Director. À beiramar. Nos lugares mais incríveis do planeta. Ah, se as... pudessem falar! Contar-nos-iam histórias extraordinárias do *licabo*, o canivete da castidade. O que nos contariam as... medievais que conheceram o cinto da castidade? O que nos dirão as excisadas? O que nos dizem as que celebram as orgias *xi-maconde*, *xi-sena*, *xi-nyanjci*? As... que desafiaram em silêncio, morreram com os seus segredos. As... *contam* histórias de espantar, [...] afrodisíaco divino, nas festas da fertilidade. Hoje estou disposta a arrancara venda de ignorância sobre os meus olhos. Quero pôr em dia todo o saber sobre as... Sento-me no banco da esquina. Quero escutar o silêncio das... falando ao meu ouvido. Hoje quero ouvir segredos. À distância estabeleço o diálogo mudo com cada uma que passa (CHIZIANE, 2021, p. 161, 162).

As reticências, por sua vez, afastam-se da temática pornográfica e marcam a sutileza e o subentendido, reforçando o caráter erótico de sua narrativa. Trata-se de uma das poucas escritoras que tenha coragem em expor sobre este elemento tão proibido ao longo dos séculos pela cristandade e que ainda se mantém velado e distante do cotidiano das pessoas.

Escuto a história desta, a história daquela. Todas dizem a mesma coisa. As mulheres são mesmo iguais, não são? Iguais? Não, não somos, gritam elas. Eu tenho forma de lula. E eu meia-lua. De polvo. Tábuas rasas. Concha quebrada. Bico de peru. Casca de amêijoas. Canibal. Antropófaga. Garganta mortal. Túnel do diabo. Caverna silenciosa, misteriosa. Perigosa, quem em mim toca, morre (CHIZIANE, 2021, p. 162).

A narrativa neste denso capítulo erótico e erotizante convida o leitor ao deleite entre o desejo, que é produzido pela sensação visual, tátil, auditiva e gustativa, quiçá, olfativa das descrições acerca da parte genital feminina. Ademais, inaugura a narradora uma identidade psicológica da vulva, corporificando-a, descortinando a grande força que ela possui em conquistar e dominar o leitor, a humanidade e nesse entrelaçamento, anuncia que a mulher, por intermédio do corpo também seduz, encanta e age poderosamente. A mulher, destituída dos preconceitos do homem, por intermédio de Rami, empodera-se nas instituições masculinas e produz intensivamente a voz de ser mulher em toda a sua inteireza, do afeto ao prazer de

proporcionar e usufruir do regozijo e fazer uso do próprio corpo sem tabus e impedimentos. Leiamos:

Convencida! Pretensiosa! Vaidosa! Mentirosa! Os homens dizem que tens gosto de água depois de parir uns tantos filhos, por isso te largam e procuram outras muito mais novas! Oh, mentirosos são eles. Tenho destino de água porque sou do mar. De todo o corpo sou aquela que mais mergulha, ao despertar, ao deitar, ao sol do meio-dia. Tenho a humidade do limbo e das margens dos rios. Sou um pedaço de mar que não sobrevive sem um mergulho nas águas tépidas. E tu, querida canibal, tens tido carne suficiente? [...]

Há fome, no subterrâneo! Há choros, há gritos, há lamentos. A terra está zangada, está a desertificar. Algumas espécies animais estão em extinção. Restam poucos homens nas cidades, nas florestas, nas savanas. Estão a ser devastados pelas guerras, pelas bombas, pelas máquinas e pelos engenhos explosivos que eles mesmos semearam nas matas, quando se guerreavam por ideais que só eles entendem (CHIZIANE, 2021, p. 162, 163). [...]

Vergonha de quê? Daquilo que nos dá prazer? Explicamos tudo antes de qualquer negócio. Os médicos se espantam, mas entendem. É bom ter lulas. Protegem-nos. Os homens inventaram o *licabo*, e nós as lulas. Quando há perigo de violação introduzimos as abas das lulas para dentro e cerramos a porta para qualquer má intenção e nada passa, nem mesmo uma agulha. Somos invioláveis. Podemos ser mortas, mas violadas não (CHIZIANE, 2021, p. 165). [...]

Os doutores passam a vida no sofá, computador e ar condicionado. Comem iogurte, puré de batata, enlatados e tornam-se moles como galinhas de aviário. Na hora do corpo a corpo ficam frouxos e perdem o combate. Não servem. O meu doutor é assim. Comecei a pedir um fogo aqui e outro ali, para aliviar a carência. Especializei-me em esmolas amorosas e agora não há nada que me segure.

Adúltera, traidora. É por causa de... como tu que os homens nos desprezam, e dizem que nada valem, acuso.

Os homens mentem, mas ah, como eles mentem! Dizem que não somos nada? Que não servimos? Tretas! Mais milagrosas que nós não existe em todo o corpo humano. Por isso nos odeiam, nos temem, nos mutilam, nos violam, nos torturam, nos procuram, nos magoam. Mas é por nós que eles suspiram a vida inteira. É a nós que eles procuram, de noite, de dia, desde que nascem até que morrem.

Sorriso. A... é fantástica. Fala todas as línguas do mundo, sem falar nenhuma. É altar sagrado. Santuário. É o limbo onde os justos repousam todas as amarguras desta vida. É magia, milagre, ternura. É o céu e a terra dentro da gente. É êxtase, perdição, redenção. Ah, minha..., és o meu tesouro. Hoje tenho orgulho de ser mulher. Só hoje é que aprendi que dentro de mim resides tu, que és o coração do mundo. Por que te ignorei todo este tempo? Mas por que é que só hoje aprendi esta lição? (CHIZIANE, 2021, p. 165, 166).

Nos trechos acima, é interessante observar o posicionamento da escrita feminina de Chiziane, cuja força discursiva contesta a visão machista, que, pretensiosamente, usurpa o direito de se autodenominar possuidor do corpo feminino. Logo, em uma sociedade patriarcal, por acreditar que a mulher seja sua propriedade,

emoldura-a em padrões sociais, etiquetando-as, como mercadorias: “Convencida! Pretensiosa! Vaidosa! Mentirosa! [...] Adúltera, traidora [...] Dizem que não somos nada? Que não servimos?”. O discurso masculino desconstrói a autenticidade e deslegitima a mulher moçambicana, entretanto, em resposta a isso, Rami enaltece a mulher, posicionando-se ao resgatar a memória discursiva masculina e contestá-la, retrucá-la: “Os homens mentem, mas ah, como eles mentem”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante saber que esta pesquisa não se encerra nestas considerações. Quando se leem livros para analisá-los, é necessário antes de tudo: despir-se. A leitura dos romances de Paulina cobra a necessidade de “cumplicidade e companheiro de trabalho” como bem assentou Woolf (2019) no ato de ler. A partir desse ponto de vista, o leitor e crítico independe da sexualidade quando ele se faz parceiro do autor/escritor do texto. As obras que aqui se destacam são escritas por mulheres e seu teor narrativo descarta o olhar misógino ou misândrico. Isso não quer dizer, no entanto, que se deva manter a distância total do objeto de estudo, posto que não há de absorver todo o valor ali presente.

Os romances *Niketché* e *A perversa* apresenta tons e propostas temáticas, embora parecidas, de caminhos diferentes. Em ambas as narrativas, a mulher torna-se o elemento central. Em *Chiziane*, Rami é a figura que representa a voz feminina de dor e coalizão, angústia e vitória, de encontro consigo mesma e a sua feminilidade, outrora, repudiada e reprimida pela sociedade machista.

Enquanto Rami participa ativamente de uma luta histórica em conscientizar o público feminino, conquistar direitos, atuando como uma líder do movimento, em prol das mulheres, incluindo as amantes de seu marido.

Literariamente, o posicionamento da narradora de *A perversa* impõe ao texto narrativo tão somente uma queixa social feminina, afasta-a do debate mais profícuo que seria a imaginação da imaginação, ou seja, fundar uma fantasia a partir da fantasia existente, a qual é a narrativa em sua essência. A pouca revisão textual com os equívocos linguísticos, ora aproximam as lentes da leitura, ora desconcentram por desviar o foco e assim não se ater ao processo criativo em si que é o de apresentação

(STAIGER, 1977). Os estratos do *narratio* em *A perversa* não foram solidificados, de modo que a teoria da Verossimilhança e Mimesis nos acoplassem ao fio narrativo e nos inserisse no programa textual, envolvendo-nos, vez que a ideia de sobrepujamento da mulher sobre o homem era o elemento de maior destaque ao que se via na contação da história.

Paulina associa sorrateiramente a luta feminina à narrativa, possibilitando que os vestígios do erotismo sejam escamados ao longo do texto. A vida de Rami compõe as descobertas femininas, outrora reprimidas e sufocadas pela sociedade de discurso machista. A marcação erótica não é o cerne, resultando numa busca por vestígios desse elemento em toda a narrativa, configurada nas partes já citadas.

Referências

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Do penhor à pena: estudos do mito de Don Juan, desdobramentos e equivalências**. Ilhéus: Editus, 2005.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

BATAILLE, George. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BRANCO, Lucia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

CHIZIANE, Paulina. *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*. In: **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013.

COSTA, Eliane Gonçalves da. **De mitos e silêncios: nas águas do feminino pelos romances de Paulina Chiziane**. Tese de doutorado da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de São Paulo. São Paulo: 189 p., 2014.

DELEUZE, Gilles. “A literatura e a vida”. In: _____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DURIGAN, Jesus Antonio. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de; VIEIRA, Maysa Morais da Silva. **O erotismo na poesia moçambicana: uma análise dos poemas de Sónia Sultuane**.

Disponível em: <https://soniasultuane.com/wp-content/uploads/2019/05/artigo-uast-maysa.pdf>. Acesso em 22 dez. 2021.

HAMILTON, Russel G. “NIKETCHE: a dança de amor, erotismo e vida: uma recriação novellística de tradições e linguagem por Paulina Chiziane”. In: **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Organização de Inocência Mata e Laura Cavalcante Padilha. Edições Colibri, 2008.

SHIMBO, Renata Vaz. **O Corpo-texto no corpo feminino em Niketche: uma performance literária**. Dissertação de mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 92 p., 2015.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

WOOLF, Virgínia. **A arte do romance**. Tradução de Denise Bottman. Porto Alegre: LP&M, 2019.